



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**Leandro Sousa De Lima Costa**

**Soledade Leite: Dos Versos a Militância, Uma Trajetória de Luta  
e Resistência**

**GUARABIRA-PB  
2017**

**Leandro Sousa De Lima Costa**

**Soledade Leite: Dos Versos a Militância, Uma Trajetória de Luta  
e Resistência**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento a exigência para obtenção do grau de licenciatura em História.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Susel Oliveira da Rosa.

**Guarabira-PB  
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do Trabalho de Conclusão de Curso.

C837s Costa, Leandro Sousa de Lima.  
Soledade Leite: [manuscrito] : dos versos a militância, uma trajetória de luta e resistência / Leandro Sousa de Lima Costa. - 2017  
28 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.

"Orientação : Prof. Dr. Susel Oliveira da Rosa, Coordenação do Curso de História - CH."

1. Maria da Soledade Leite. 2. Mulheres. 3. Paraíba.

21. ed. CDD 981.33

Leandro Sousa De Lima Costa

Soledade Leite: Dos Versos a Militância, Uma Trajetória de Luta  
e Resistência

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao curso de graduação em  
História da Universidade Estadual da  
Paraíba, em cumprimento a exigência  
para obtenção do grau de licenciatura em  
História.

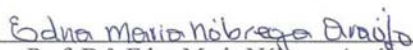
Área de Concentração: História

Aprovado em: 17/10/2017.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr<sup>a</sup>. Susel Oliveira da Rosa  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)  
Orientadora



Prof. Dr<sup>a</sup>. Edna Maria Nóbrega Araújo  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)  
Examinadora



Prof. Dr<sup>a</sup>. Joedna Reis Menezes  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)  
Examinadora

Primeiramente, agradeço a Deus pela graça da vida, aos meus pais, pela dedicação, companheirismo e amizade, e apoio, aos meus amigos e família em geral, e a minha orientadora Susel Oliveira da Rosa DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora e amiga Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Susel Oliveira pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

Ao meu pai Paulo, a minha mãe Maria de Lourdes, aos meus avós, as minhas tias e aos meus tios, pela compreensão por minha ausência nas reuniões familiares e pelo apoio dado durante esses anos de curso.

A meu avô paterno Emanuel (*in memoriam*), embora fisicamente ausente, sentia sua presença ao meu lado, dando-me força em todos os momentos do curso.

Aos meus professores do ensino infantil até o ensino Médio, em especial as professoras Janice Reis e Elba Domingos, que com seus ensinamentos contribuíram em minha jornada como historiador.

Aos professores do Curso de Graduação da UEPB, todos contribuíram em minha trajetória, mas em especial agradeço, a Carlos Adriano, Naiara Ferraz e Francisco Fagundes, que contribuíram ao longo desses quatro anos de curso, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos Meus amigos que sempre estiveram ao meu lado, especialmente Valber Rodrigues, Vital Junior, Larissa Brena, Genilma Ricardo e aos demais que sempre me incentivaram a prosseguir nessa caminhada.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio ao longo desses anos, colegas que se tornaram verdadeiros amigos.

“A fome é maior do que o medo, (Maria da Penha do Nascimento).”

## SUMÁRIO

<b>1.</b>	<b>Introdução .....</b>	<b>09</b>
<b>2.</b>	<b>Quebrando Paradigmas, É Preciso Resistir .....</b>	<b>12</b>
<b>3.</b>	<b>Soledade: O Início Com o “Repente” .....</b>	<b>15</b>
	3.1 O Advento ao Movimento Sindicalista/Feminista .....	18
<b>4.</b>	<b>Considerações Finais .....</b>	<b>22</b>
	<b>Abstract .....</b>	<b>24</b>
	<b>Referências .....</b>	<b>25</b>
	<b>Anexo A .....</b>	<b>28</b>



# Soledade Leite: Dos Versos a Militância, Uma Trajetória de Luta e Resistência

Leandro Sousa de Lima Costa<sup>1</sup>

## RESUMO

O objetivo desse trabalho é falar da trajetória de luta e militância da cantora e compositora de versos Maria da Soledade Leite<sup>2</sup>, Ela que adentrou aos movimentos sindicais através de sua viola, e ao longo de sua caminhada como militante usou de suas composições para expor a sociedade o seu ponto de vista à cerca de como a mulher era tratada, se contrapondo aos pensamentos machistas e patriarcais existentes na sociedade da época e também pra ajudar a combater as perversidades cometidas pelos grandes latifundiários no estado da Paraíba. Ao falar sobre Soledade, busco tratar a figura feminina como ativa dentro das decisões políticas do estado paraibano. Podemos observar com Margareth Rago (2009) “que as mulheres têm estado ausentes, com algumas exceções, nos textos acontecimentos que marcam dolorosamente esse período”<sup>3</sup>. É preciso escrever sobre essas militantes, pois através de trabalhos como esse podemos tratar a história sem inferiorizar a figura feminina, e sim analisar os fatos históricos de uma forma mais abrangente, tratando-as como sujeito ativo dentro das decisões políticas da sociedade em que estavam inseridas. Maria da Soledade Leite, ousou adentrar o espaço público, usando de sua paixão pelo repente para iniciar sua caminhada dentro dos movimentos sindicais e feministas. Este trabalho tratará e dará ênfase a sua vida como sindicalista e militante, como também mostrará o que motivou ela e outras militantes a aderirem ao movimento sindicalista/feminista do período trabalhado.

**Palavras-Chave:** Maria da Soledade Leite. Mulheres. Paraíba.

---

<sup>1</sup> Estudante do curso de graduação em História, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, CH. costa.leandro400@gmail.com.

<sup>2</sup> Repentista com trabalhos marcados pelo envolvimento social e político, especialmente a luta pela terra e luta feminista, atuou no Movimento de Mulheres do brejo(MMTB), com Margarida Maria Alves e Maria da Penha do Nascimento.

<sup>3</sup> Desejo de memória. Abrys, Etudes feministes/estudos feministas Janvier/december2009-Janeiro/ Dezembro 2009. Disponível em: <http://www.labrys.net.br/labrys15/ditadura/marga.htm>. Acesso em: 07 de Abril de 2017.

## 1. INTRODUÇÃO

A produção historiográfica sobre o tema pesquisado ainda é pequeno, tendo em vista sua importância para a época retratada. Entretanto vem ganhando cada vez mais espaço nas produções acadêmicas, ocasionando um maior conhecimento sobre o assunto. Muitas foram às mulheres que participaram efetivamente da luta, contra os latifundiários no período da Ditadura Civil-Militar<sup>4</sup> no estado da Paraíba. Mas, o fato de vivermos em uma sociedade com traços machista e patriarcal fez com que esse tema ficasse oculto durante muito tempo.

Quando se trata do Estado da Paraíba os trabalhos feitos são ainda menores. Ressalto que a presença da mulher na historiografia paraibana é muito vaga, tamanha sua importância no contexto histórico das lutas sindicais do estado:

A história é feita por homens e mulheres a cada instante, no cotidiano de suas vidas e no palco político por eles montado. Muitas destas vivências ou atuações políticas perdem-se para sempre se acumulando aos silêncios, historicamente constituídos, porque a história tem sido parcial, silenciando ou escondendo sujeitos. (COLLING, 2004, p. 2).

Entretanto tenho observado ao longo dos anos em que estou engajado nessa pesquisa que os trabalhos acadêmicos a cerca desse tema, tem ganhado cada vez mais espaço, transpassando, assim, os limites da academia e conquistado seu lugar nos escritos historiográficos.

Algumas dessas mulheres, que passaram por esses momentos marcantes, ainda hoje têm receio de contar suas experiências, devido aos traumas ocasionados nesse período de repressão por parte não só dos militares, como também dos latifundiários, como cita Maria da Soledade Leite, “O tempo passa, mas as lembranças ficam”<sup>5</sup>, devido à própria sociedade de cunho patriarcal.

Isso dificulta ainda mais o trabalho do pesquisador, que por vezes têm a oralidade como única forma documental, entretanto, ao se trabalhar com as memórias estamos sujeitos a nos depararmos com situações diversas, “Vale sublinhar também que quando falamos em memória, falamos na dinâmica entre lembrança e esquecimento, dinâmica essencial ao funcionamento da memória.” (ROSA, 2015, p. 310).

---

<sup>4</sup> Período em que os militantes tomaram o poder (1964-1985). Esse período foi marcado por perseguições, mortes e prisão daqueles que não concordavam com o sistema de opressão que vigorava no Brasil.

<sup>5</sup> Entrevista concedida por Maria Soledade para o projeto PIBIC intitulado Dona Lia, Maria Soledade e Luzia Ferreira: mulheres versus ditadura militar – latifundiária na Paraíba, sob a orientação da professora Susel Oliveira da Rosa, no dia 19 de Janeiro de 2017.

Acerca da trajetória de militância de Soledade Leite tratarei mais adiante com maior ênfase os fatos que marcaram sua história de luta em defesa dos Trabalhadores Rurais e dos direitos das mulheres no estado da Paraíba, um caminho árduo, mas graças a sua determinação conseguiu adentrar a um espaço antes tido como proibido para as mulheres, o espaço público, ou seja, o espaço político.

Sendo assim, muitos acontecimentos se perdem com o tempo, ou simplesmente são modificados ou esquecidos, fazendo com que o pesquisador se atente ainda mais, a essas questões, não deixando sua opinião perpassar os fatos históricos ocorridos:

Ouvir a narração, acessar os arquivos pessoais e públicos de mulheres como Maria do Carmo de Aquino, Maria da Soledade Leite, Ophélia Amorin, Maria da Penha do Nascimento, entre outras, significa ampliar o conceito de testemunha e dar visibilidade as narrativas femininas que ousam denunciar, refletir e testemunhar, fragmentando as histórias oficiais, abrindo brechas no tecido textual, instigando a perguntar pelo silenciado, esquecido e reprimido (RAGO, Apud ROSA, 2015, p. 321).

Muitas foram às mulheres que participaram dessa luta contra os grandes latifundiários no Estado da Paraíba, especificarei meu trabalho falando de mulheres das cidades do conhecido Brejo Paraibano<sup>6</sup>. Sendo assim, o principal objetivo com a elaboração desse trabalho é mostrar que essas figuras femininas, tiveram um papel de igualdade, não se diferenciando dos homens, elas foram fundamentais nessa luta por igualdade e justiça, tendo um papel de destaque no cenário político e sindicalista de sua região.

As muitas das matérias que mostram a história dessas mulheres - visto a forte repressão que se teve durante o período da ditadura civil-militar - foram perdidas, por isso, essas narrativas feitas pelas próprias mulheres que lutaram nesse período, são tão importantes. Por isso, trabalhar com a oralidade é uma forma de estar em contato direto com as fontes históricas, dando maior autonomia à pesquisa e, posteriormente, ao trabalho realizado.

Tratarei da História dessas mulheres não apenas como grandes mães, esposas, donas de casa, como a História tradicional as vêm retratando, busco tratar essa história, não inferiorizando e nem deixando de falar como foram essenciais na luta da resistência; se dedicando no cuidando com aqueles que lutavam por melhorias na sua forma de viver. Farei uso da seguinte fala, “A figura da mãe ou da santa, comum nos anos 1970, cedia lugar rapidamente à figura da bruxa e da prostituta.” (ROSA, 2015, p. 315).

---

<sup>6</sup> A microrregião do brejo paraibano é uma das vinte e três microrregiões do estado brasileiro da Paraíba pertencente a mesorregião do agreste paraibano e está dividida em oito municípios, Alagoa Grande, Alagoa Nova, Areia, Bananeiras, Borborema, Matinhos, Pilões e Serraria, com uma área total 1.202,1 Km<sup>2</sup>. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Microrregi%C3%A3o\\_do\\_Brejo\\_Paraibano](https://pt.wikipedia.org/wiki/Microrregi%C3%A3o_do_Brejo_Paraibano), Acesso em: 22 de setembro de 2017.

Passou-se a ter uma maior participação feminina no cenário político da época, a figura da mulher antes vista apenas no ambiente familiar privado, passa a frequentar um ambiente que para a sociedade era de direito exclusivo aos homens, e ao fazer isso passavam a ser mal vistas. Isso ocorreu devido às representações feitas e transmitidas ao longo dos anos, mas, nada as impediram de participar ativamente por melhores condições de vida e igualdade.

Essas mulheres não lutavam por direitos exclusivos destinados a elas, “Podemos notar que o movimento denominado como de mulheres, não tinha como objetivo específico apenas à luta por melhores condições das mulheres, mas da classe trabalhadora como um todo” (DUARTE, 2009, p. 13).

Meu trabalho como pesquisador é dar maior visibilidade a história dessas mulheres, e a esse tema específico, que por muito tempo foi silenciado, escrever sobre história é falar do papel desempenhado pelo homem e pela mulher de maneira igualitária. “Se historicamente o feminino é entendido como subalterno e analisado fora da história, porque sua presença não é registrada. Libertar a história é falar de homens e mulheres numa relação igualitária” (COLLING, 2004, p. 4).

Não dá para falar dessa História de luta das mulheres, sem deixar de falar das dificuldades enfrentadas por elas. Dificuldades oriundas do seio de seus círculos familiares, e que se perpetuavam para dentro da sociedade da época. Proponho-me também a mostrar como nossa sociedade é regida por ideais patriarcais, onde a figura da mulher somente pode ser percebida no ambiente doméstico, “Em sociedades patriarcais como a nossa o lugar das mulheres ao longo dos séculos, oficialmente tem sido o espaço privado – o espaço doméstico da casa, da cozinha, do quarto, etc. Espaço marcado pela invisibilidade e pelo silêncio.” (ROSA, 2013, p. 45).

Desde a sociedade que tratava o espaço feminino, como aquele voltado ao lar e as tarefas familiares, “O gênero tem sido o termo utilizado para teorizar a questão da diferença sexual, questionando os papéis sociais destinados às mulheres e aos homens” (COLLING, 2004, p. 2). Tendo em vista que em muitos documentos, encontram-se registros, que falam das militantes, quase sempre como mulher de algum militante, como uma grande mãe, e não tratando elas como figura chave nessa luta travada no estado da Paraíba, e nas cidades do brejo paraibano, especificamente; até mesmo suas próprias famílias, utilizavam do mesmo discurso para repudiar suas atitudes.

Minha pesquisa busca tratar da luta feminista contra os grandes latifundiários no Estado da Paraíba, dando ênfase a vida de militantes como Margarida Maria Alves<sup>7</sup>, Maria da Penha do Nascimento<sup>8</sup> e, em especial, a vida de Maria da Soledade Leite, que assim como outras mulheres desempenharam um papel de destaque durante esse período que se inicia antes mesmo da instauração da Ditadura Militar no Brasil e se perpetua até os dias de hoje. Se antes se lutava pelo direito a terra, e aos direitos trabalhistas, hoje à luta se dá, pela permanência das conquistas conseguidas ao longo desses anos, conquistas essas que estão ameaçadas, por um governo tão golpista, quanto o militar.

Para realizar esse trabalho, fiz uso das leituras de alguns textos voltados para esse tema, textos esses repassados pela Minha orientadora Susel Oliveira da Rosa, que trazem em seu conteúdo questões proveitosas sobre o tema pesquisado. A partir da leitura dirigida de alguns textos de autoras como Margareth Rago, Tânia Navarro Swain, Ana Maria Colling, entre outras. Assim, pude perceber a importância de mostrar o caráter da luta e militância de mulheres que ao exemplo de Soledade Leite, ousaram quebrar padrões e regras estabelecidas por nossa sociedade patriarcal, e passaram a agir no cenário político.

Além da leitura dos textos, a participação no projeto PIBIC, Paraíba: Mulheres, Memórias e Ditadura Civil-Militar, idealizado pela orientadora Susel Rosa e a entrevista concedida por Maria da Soledade Leite foram de fundamental importância para a escrita desse trabalho acadêmico; “a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações” (BOSI, 1994, p. 46-47).

## 2. QUEBRANDO PARADIGMAS, É PRECISO RESISTIR

Já temos algumas escritoras e historiadoras que trabalham com esse tema sobre a luta das mulheres, como a historiadora Susel Oliveira, Margareth Rago, Tânia Swain, entre outras; mas em âmbito estadual não são muitos os autores que buscam retratar como se deu essa luta no estado da Paraíba. Em minhas pesquisas para elaboração desse trabalho, buscando autores, e obras voltadas para esse campo da historiografia paraibana, percebi que temos que aprofundarmos nosso conhecimento sobre esse tema, que por muito tempo foi deixado de lado ou simplesmente esquecido por aqueles que escreveram a História.

---

<sup>7</sup> Margarida Maria Alves, Sindicalista e defensora dos direitos humanos brasileiros. Foi a primeira mulher a lutar pelos direitos trabalhistas na Paraíba durante a Ditadura Militar e presidenta do sindicato de Alagoa Grande em 1973.

<sup>8</sup> Maria da Penha foi uma das fundadoras do movimento das Mulheres Trabalhadoras do Brejo (MMB). Participou da comissão de mulheres da CUT/PB e escreveu alguns textos sobre “As ações de resistências ao latifúndio”, em especial, após a morte de Margarida.

O objetivo desse trabalho é abrir espaço para esse assunto, que por muito tempo ficou de fora dos registros históricos, e trazer à tona uma discussão bastante proveitosa sobre um tema que por muito tempo foi esquecido, e que a cada dia tem ganhado espaço nas obras historiográficas. Constato, assim, a importância fundamental de dar visibilidade à memória de mulheres que ousaram quebrar os padrões sociais de gênero e atuar no espaço público: “Inserir na memória coletiva as experiências dessas e de outras mulheres significa dar lugar a pluralidade e singularidade histórica, para além das narrativas ditas universais, reconhecendo o aporte específico das mulheres na construção da cultura e da linguagem” (RAGO apud ROSA, 2013, p. 308).

Falar das mulheres como militantes e defensoras de sua sociedade, mulheres que enfrentaram os latifundiários junto com os homens, enfrentando até maiores dificuldades, tendo em vista que a sociedade brasileira tinha um caráter patriarcal, onde o espaço destinado às mulheres era o lar, não podendo, assim, participar dos espaços públicos, um espaço destinado exclusivamente aos homens. Esse é um papel fundamental para o historiador que está engajado em falar sobre a importância que as mulheres tiveram na luta contra os grandes proprietários de terra nas cidades do brejo paraibano:

Pesquisar e escrever sobre a trajetória de vida dessas mulheres é uma tentativa de dar "visibilidade às narrativas femininas que ousam denunciar, refletir e testemunhar, fragmentando as histórias oficiais, abrindo brechas no tecido textual, instigando a perguntar pelo silenciado, pelo esquecido e reprimido na definição do arquivo” (RAGO apud ROSA, 2015, p. 13).

Observamos que as mulheres desempenharam um papel de destaque nesse período, se não temos um material mais complexo e amplo sobre esse tema é por que, por muito tempo, a história das mulheres foi elaborada sob a visão masculina, “A mulher militante política não é encarada como sujeito histórico, sendo excluída do jogo do poder” (COLLING, 2004, p. 3). Uma visão machista, e que deixou de lado muitos fatos ocorridos durante a ditadura civil-militar e latifundiário no estado da Paraíba.

A questão latifundiária que foi marcante no brejo paraibano, sendo entendida como a imagem da Ditadura no estado: “A questão agrária nasceu da contradição estrutural do capitalismo que produz simultaneamente a concentração da riqueza e a expansão da pobreza e miséria” (DUARTE, 2009, p. 3). Assim, as terras estavam concentradas em sua grande maioria nas mãos de poucas pessoas, gerando contradições à cerca da utilização dessas terras, por isso, os pequenos proprietários tiveram que abandonar suas casas, para que o latifúndio continuasse crescendo, e isso ocasionou conflitos diversos, gerando por vezes à morte de quem se opunha ao crescimento desse sistema capitalista conhecido como latifundiário.

A história de luta dessas militantes foi marcada por dificuldades e superações, pois ao escrevermos sobre tal, observamos que para as mulheres “Ousar adentrar o espaço público, privado, masculino foi o que fizeram estas mulheres ao se engajarem nas diversas organizações clandestinas existentes no Brasil durante a ditadura militar” (COLLING, 2004, p. 7).

Seu desejo por um estado/país melhor e mais igualitário foi um fator essencial para esse engajamento, essas mulheres não se acomodaram com a representação que se tinha à cerca de seus papéis enquanto gênero; quebraram paradigmas e ultrapassaram as barreiras ideológicas impostas a elas por essa sociedade de cunho machista e patriarcal:

Gênero pra mim minha gente, é palavra problemática, pra ela precisa de prática, quando não internamente, porque a mulher carente, tem outra realidade, mesmo longe da verdade, da qual lhe foge a razão, de gênero e concepção, pra viver com igualdade, trabalhadora rural, que limpa que cava o chão, a que luta no fogão, a que varre o hospital, a mulher do tribunal, vestida decentemente, a mãe faminta doente, a mãe solteira sofrida, cada mulher nesta vida, vive gênero diferente, a mulher organizada, a que luta e faz protesto, a que faz o manifesto, quando é discriminada, a mulher dissimulada, a que faz revolução, a que faz acusação, a outra que está lutando, sem conhecer apoiando, o mundo da opressão, vê-se um jogo desigual, sem querer obedecer, pois no mundo do poder, o homem quer ser o tal, o intelectual, pra mulher não tem visão, com seu fogo de machão, desvaloriza a mulher, de qualquer maneira quer, roubar a nossa razão, ainda faço uma crítica, para a nação brasileira, pois é demais a barreira, para a mulher na política, porém na realidade, a mulher tem qualidade, para ir pra qualquer função, fazer trabalhos perfeitos, corrigir falhas e defeitos, pra dar exemplo ao machão, são tantas desigualdades, machismos e desilusões, nos gêneros e concepções, quer nos campos ou nas cidades, mas as nossas qualidades, só nega mesmo quem quer, sujar a nossa conduta, negando sucesso à luta, dos trabalhos da mulher, só vamos ficar contente, quando houver a igualdade, sem homem sem majestade, sem mulher ser deprimente, mas sim uma corrente, sem cor branca ou amarela, mas só um quadro na tela, circulando com marfim, o Brasil só ganha assim, respeitos pra ele e ela. (**Minha História em Poesia**, Soledade, 2016, p. 77-78).

Não dá para falar de resistência feminista, sem falar sobre o papel desempenhado por mulheres como, Margarida Maria Alves, figura importante da luta sindical na Paraíba, que foi assassinada por lutar pelos direitos dos trabalhadores rurais de sua região, e Maria da Penha do Nascimento que faleceu após um “misterioso” acidente de carro até hoje mal explicado, tido por muitos como assassinato. As duas lutaram juntas contra as impunidades e restrições que os trabalhadores rurais enfrentavam, e buscaram ativamente a obtenção de direitos para os camponeses, junto aos órgãos governamentais.

Essas mulheres foram ameaçadas e perseguidas pelos latifundiários, “a repressão caracteriza a mulher militante como PUTA COMUNISTA” (COLLING, 2004, p. 8). Os grandes donos de terra não queriam ver seus trabalhadores obtendo direitos, esses homens do campo, deveriam trabalhar muito e receber pouco. Devemos entender que nesse período, os

trabalhadores eram tidos como propriedade privada dos latifundiários, e que não podiam ter direito algum, pois se conseguissem isso seriam visto como problema para o sistema latifundiário de dominação e exploração.

Essas militantes eram movidas por ideais mútuos, por um desejo de igualdade, direito e justiça. Trazer à tona então figuras como Margarida Maria Alves, ou Maria da Soledade Leite que ousaram atuar no espaço político tido pela sociedade da época como lugar ocupado por homens. “A recente inclusão das mulheres no campo da historiografia tem relevado não apenas momentos inesperados da presença feminina nos acontecimentos históricos, mas um alargamento do próprio discurso historiográfico” (RAGO apud ROSA, 2013, p. 112).

Não se pode acreditar que as mulheres não fizeram parte dos movimentos sindicais, pelo fato de não se ter um material mais amplo sobre o tema, o que houve de fato foi um silenciamento sobre esses acontecimentos históricos, mas que agora está ganhando seu espaço dentro das escritas históricas, pois o lugar da mulher foi também o ocupado pelos homens, o ambiente político. Por essa razão, trabalhar com a oralidade se torna algo fundamental para escrever sobre a trajetória de militância de determinados grupos silenciados dentro da história tradicional; “A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembranças” (BOSI, 1994, p. 53).

### 3. SOLEDADE: O ÍNICIO COM O “REPENTE”

Maria da Soledade Leite; ela que nasceu no dia 09 de Outubro de 1942, no município de Alagoa Grande-PB, situado na microrregião conhecida como brejo, advinda de família camponesa, criou-se em um pequeno sítio dos seus avós maternos. Ela se tornou repentista quebrando assim alguns paradigmas da época, sua paixão pelo repente foi o fator primordial para o início de sua trajetória na luta sindical, porém essa paixão pela viola, a colocou contra sua própria família; “A mulher que ousou invadir o espaço político masculino não é bem vista pela sociedade, inclusive a família sente-se traída pela opção política das filhas” (COLLING, 2004, p. 9-10).

Soledade conheceu o repente em sua infância, mesmo não podendo tocar ela acompanhava de perto os encontros que ocorriam seja em sua casa ou na casa de seus vizinhos, eram nesses locais que ocorriam as rodas de viola, algo comum nesse período.



Desde criança Soledade passou a compor seus versos, ela tinha o dom pra música, e ao longo de sua vida foi aperfeiçoando esse dom e o amor pelo repente.

Antes de Maria Soledade conhecer os movimentos sindicais e feministas, ela teve que enfrentar o preconceito da sociedade e de sua família por ser repentista, pois além da viola ser vista como um instrumento para homens, o repente não era tido como uma profissão e sim como algo para malandros, o que fez de Soledade à “ovelha negra”<sup>9</sup>(motivo de desonra) da família; em sua entrevista Soledade diz que quando saía para viajar, suas vizinhas a chamavam de “vadia<sup>10</sup>” (prostituta), pois lugar de mulher é cuidando da casa e não tocando viola, isso nos mostra o quanto era difícil pra Soledade manter suas convicções e seguir seus sonhos, mas nada disso impediu-a de traçar seu caminho como cantora de versos, abaixo podemos observar uma de suas poesias, uma paixão que nasceu enquanto ainda criança:

Me revolto quando vejo, a mulher escravizada, dentro do seu próprio lar, de dia à noite explorada, por um marido machista, que lhe tem como empregada acorda de madrugada, para cuidar do bebê, o peste fica na cama, a pobre fica de pé, depois que o filho dorme, vai preparar o café, mulher desse jeito é, a escrava da cozinha, engoma, lava, costura, dá banho na criancinha, vai dormir tarde da noite, acorda de manhãzinha, vai buscar lenha sozinha, bota água pra beber, faz a comida na hora, para não aborrecer, só vota no candidato, que o marido escolher, sofre sem poder fazer, nenhuma reclamação, não entra no sindicato, pois o marido machão, não deixa que ela assista nenhuma reunião, em uma associação, não pode se associar, só fala com os vizinhos, se o marido deixar, nem com ele nem sozinha, tem direito a passear, não vai a baile de latada, novena, missa ou leilão, é do roçado pra casa, da sala para o fogão, o marido ditador, ainda lhe prega sermão, não pode se rebelar, nem protestar um momento, sente medo do marido, esconde seu sofrimento, por ter ido numa igreja no dia do casamento, a vida vira um tormento, não tem sossego um instante, porém com tudo se mostra, boa esposa, boa amante, ela com tanto carinho, ele tão ignorante, nada acha interessante, só vive pra trabalhar, um vestido para vestir, não tem direito a comprar, o marido é quem escolhe, do jeito que lhe agrada, um sapato para calçar, ele é quem escolhe a cor, o sabonete a toalha, o sandalho o cobertor, porque tem que ser sujeita às ordens do seu senhor, é escrava do amo, da vida perde o sentido, a casa vira senzala, o peito solta gemido, se torna escrava dos filhos, e muita mais do marido, se convidar o marido para ir a uma vaquejada, ele responde com raiva, você está enganada, pois eu não tenho mulher para ir pra cachorrada, não fala em religião, não toma banho de mar, não usa pó nem batom, não pode se arrumar, por isso merece o nome, escrava do próprio lar. (**Minha História em Poesia**, Soledade, 2016, p. 29).

Esse discurso que se tinha entre as próprias mulheres do período não é difícil de ser entendido, tendo em vista que, ao longo dos séculos tentou se implantar no imaginário

<sup>9</sup> Termo utilizado para ostilizar quem não segue os padrões estabelecidos pela sociedade, podemos entender melhor esse termo ao ouvir a música ovelha negra de Rita Lee, Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/rita-lee/48516/>, acesso em 24 de Setembro de 2017

<sup>10</sup> Vadia, é um termo pejorativo que trata a mulher que, sem viver da prostituição, leva vida devassa ou amoral. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br>. Acesso em: 04 de Março de 2017.

social que a mulher deveria ser reprimida pelos homens, “A única mulher que é respeitada com decisão própria segundo os arquivos e repressão é a religiosa” (COLLING, 2004, p. 8). Criou-se assim uma barreira ideológica enorme, e aquelas que buscavam quebra-la eram tidas como seres “desviantes” e não mais dignas de respeito; isso ocorreu com mais veemência durante o período da Ditadura Militar, “torturar através de estupro, mutilação, humilhação, insultos e ameaças sexuais foram técnicas sistematicamente utilizados contra as mulheres, desde o momento da prisão até a sala de torturas” (ROSA, 2015, p. 312).

Além da sociedade, o próprio sistema utilizou desse discurso para reprimir, e humilhar com maior veemência as mulheres que buscaram ousar adentrar o espaço político. Homens e mulheres sofreram com a repressão, mais a figura feminina sofreu ainda mais, por que além da dor física, se buscou atingir seu psicológico, com ameaças mútuas. Aproveitando-se de sua característica física, ou seja, seu gênero para cometer diversos crimes, como o estupro, e o pior de tudo isso era tido como “normal” pois a mulher feminista não era respeitada por grande parte da sociedade.

Essa construção de gênero se deu desde o período da colonização, e buscar formas para desmistificá-la é algo essencial para quem trabalha com a história de gênero:

“Mostrar a presença e a ação das mulheres nas narrativas e nas descrições dos cronistas do século XVI é uma contribuição à história das mulheres, desmascarar o silêncio, desvelar o papel social político das mulheres portuguesas ou indígenas é a tarefa de uma história do feminino” (SWAIN, 1996, p.1).

Usava-se desse discurso voltado para o gênero para atingir as militantes, “Desde o momento da prisão até o horror da sala de torturas, estavam nas mãos de agentes masculinos fieis às performances de gênero, que utilizavam a diferença como uma forma a mais para atingir as mulheres.” (ROSA, 2015, p. 319).

Maria Soledade começou sua trajetória nos movimentos feministas como artista, cantando seus versos, ela passou a frequentar seminários e palestras organizadas por grupos sindicais. Antes disso, fez diversas apresentações para políticos que buscavam elegerem-se, políticos, esses que em sua grande maioria, se não totalidade, eram latifundiários que exploravam os trabalhadores rurais.

Logo ela percebeu que também era explorada por eles para divulgar suas campanhas, e ao adentrar aos eventos sindicais ela encontrou uma nova forma de colocar sua arte a favor dos mais pobres, sendo assim, ao receber o convite de Maria da Penha do Nascimento, mesmo com algum receio aceitou e começou sua trajetória de militância e

resistência contra os grandes fazendeiros da Região do brejo paraibano, lutando por direitos e igualdade.

Ao longo de sua trajetória nos movimentos sindicais, Soledade teve que enfrentar as dificuldades impostas a ela pela sociedade do período retratado, ela que não seguiu o caminho traçado para as mulheres, o espaço do lar; e com sua arte conseguiu lutar por melhorias e direitos para os trabalhadores rurais das cidades do brejo paraibano. Sua coragem e determinação foram essências para a conquista de vários direitos, junto com suas companheiras e companheiros de militância Soledade quebrou paradigmas e se fez presente nos acontecimentos históricos.

### 3.1 O ADVENTO AO MOVIMENTO SINDICALISTA/FEMINISTA

Soledade se engajou ao movimento de forma mais assídua no ano de 1986, participando de seu primeiro seminário no SEDUP<sup>11</sup> situado na cidade de João Pessoa. Com o advento aos movimentos sindicalistas, veio também às ameaças que segundo Soledade não foram poucas, cito aqui uma ameaça que a mesma relatou em entrevista:

Certa vez iria participar em uma reunião na Fazenda Gomes situada em Alagoa Grande, e para essas bandas (local), estavam ocorrendo um conflito, trabalhadores mortos, donos de fazenda feridos, então devido ao clima quente resolvi deixar reunião com os trabalhadores, e voltar para o sindicato. Saindo da reunião, fui à busca de Josá, (um trabalhador rural em quem ela confiava) e então voltei para a sede do sindicato, pedi para Ramiro, (motorista do carro do sindicato), passar por perto de onde se encontravam os patrões reunidos, não deixando que eles soubessem que eu estava dentro do carro, dormi no sindicato essa noite. Acordei às cinco da manhã, e ao ver a figura de Josá, (ele dormiu no sindicato como forma de defendê-la no caso de algum atentado), me falando que durante a noite e a madrugada passaram dois homens, vigiando o sindicato, à espera de mim. Soledade Leite (entrevista realizada em fevereiro de 2017<sup>12</sup>).

Soledade entrou no movimento sindical através de sua arte como a mesma diz em seus relatos, foi assim que conheceu Maria da Penha, e passou a participar de diversos seminários, organizados por grupos que reivindicavam melhorias trabalhistas. Abaixo

---

<sup>11</sup> SEDUP (Serviço de Educação Popular). Organização sem fins lucrativos, criada em 1981, para promover a educação popular junto aos movimentos populares com vistas à transformação da sociedade numa sociedade mais incluyente, solidária e democrática. Disponível em: <http://sedupcomunica.blogspot.com.br/> Acesso em: 23 de setembro de 2017.

<sup>12</sup> Entrevista concedida por Maria Soledade para o projeto PIBIC intitulado Dona Lia, Maria Soledade e Luzia Ferreira: mulheres versus ditadura militar – latifundiária na Paraíba, sob a orientação da professora Susel Oliveira da Rosa, no dia 19 de Janeiro de 2017.

encontramos uma foto de Maria Soledade recitando seus versos ao lado de Minervina Ferreira<sup>13</sup>, sua companheira de apresentações.

Imagem 01: Soledade Leite e Minervina Ferreira



Fonte: <https://goo.gl/images/bdhA2g>. Acesso em: 07 de Agosto de 2017.

Tanta terra está abandonada tanta gente sentindo precisão, sem plantar a banana e o feijão, e o rico calado não diz nada, a mesa do pobre está pelada, e o dono não pode melhorar, Não tem terra pra nela trabalhar, De tristeza a pobreza está doente, tanta terra perdida sem semente, Tanta gente sem terra pra plantar, tanta gente de fome está morrendo, sem saúde sem casa sem estudo, mas o rico avarento tem de tudo, não ajuda ao irmão que está sofrendo, Mais por isso o Brasil está perdendo, e a perda irá multiplicar, se o quadro da Pátria não mudar nosso povo não é independente, tanta terra perdida sem semente, tanta gente sem terra para plantar (**Minha História em Poesia**, Soledade, 2016, p. 117).

Na poesia acima notamos a crítica feita por Maria soledade a sociedade em que vivemos, e era essa a luta de mulheres como ela, uma luta pelo direito do trabalhador rural obter o acesso à terra, o direito a plantar, a colher, o direito a viver. Direito esse que foi retirado devido ao acúmulo de terras pelos grandes latifundiários, o que ocasionou a miséria de grande parte da população paraibana, especialmente, os pequenos agricultores, forçados à se retirar de suas propriedades.

O MMB (Movimento de Mulheres Trabalhadoras do Brejo Paraibano), situado na cidade de Alagoa Grande-PB, foi um dos mais significativos movimentos não apenas feminista mais sindicalista do Estado. Surgiu no ano de 1981 como um setor de mulheres da

<sup>13</sup> Minervina Ferreira repentista cujo sobrenome herdou da profissão de seu pai, que era ferreiro. Ela sofreu retaliações, mas persistiu em sua trajetória como cantadora de versos. Disponível em: [correiodaparaiba.com.br/cultura/projeto-traz-a-dupla-de-repentistas-minervina-ferreira-e-maria-soledade](http://correiodaparaiba.com.br/cultura/projeto-traz-a-dupla-de-repentistas-minervina-ferreira-e-maria-soledade), Acesso em: 22 de abril de 2017.

pastoral rural e se constitui, em 1985, como movimento autônomo, Maria da Penha do Nascimento é tida como a fundadora desse movimento, que perdeu força após sua morte, entretanto Mulheres como Maria da Soledade Leite, e Luzia Ferreira<sup>14</sup>, deram continuidade ao trabalho iniciado por Margarida e Penha.

O MMB surgiu com o objetivo de atender aos grupos residentes das zonas canavieiras, as primeiras reuniões do grupo aconteceram não apenas nos sindicatos, é importante frisar que muitas dessas reuniões ocorreram também nos ambientes da Igreja Católica, ou seja, alguns padres apoiaram os movimentos sindicais, participando de maneira ativa dessa luta, por melhores condições de vida para os trabalhadores rurais dessa região. A religião foi um importante elo entre os grupos sindicais e a população.

Deve-se compreender que mesmo antes do surgimento desses movimentos feministas/sindicais já se tinha uma luta por melhores condições de vida no campo:

Em 1964 com a repressão militar, muitos camponeses que faziam parte das ligas (camponesas<sup>15</sup>), foram dispersos e muitos presos, torturados ou desaparecidos. Mesmo assim, o “espírito” de resistência adquirido durante as ligas permaneceu e entre as décadas de 1970 e 1980, as lutas no campo passaram a se organizar novamente e dessa vez com a ajuda da Igreja Católica (DUARTE, 2009, p. 7).

Esse movimento feminista foi criado após a morte de Margarida Maria Alves e visava uma maior participação das mulheres nos debates ocorridos nas reuniões, pode-se observar que; “A conscientização política das mulheres foi o primeiro passo na compreensão da emancipação como trabalhadoras que o MMB, trabalhou nas mulheres na região do brejo paraibano” (DUARTE, 2009, p. 15).

Deve-se atentar que tanto os homens quanto as mulheres que participavam dessas reuniões, não sabiam ler nem escrever, e ficou a cargo das mulheres do grupo alfabetizarem essa população rural, sendo que por agirem dessa maneira, elas passaram a enfrentar ameaças dos fazendeiros. Não seria benéfico que esses homens e mulheres aprendessem a ler e a escrever, isso era visto como perigoso para o sistema latifundiário e os grandes donos de terra faziam o possível para reprimir quem se colocasse a favor do trabalhador rural.

Como visto antes as mulheres participavam das reuniões, entretanto elas não expunham suas opiniões, elas simplesmente acompanhava seus maridos, mas não se

---

<sup>14</sup> Luzia nasceu no dia 18 de Julho de 1952 em Sapucaia, distrito de Alagoa Grande. Ela sofreu ameaças por participar das lutas sindicais, pelos direitos dos trabalhadores rurais e movimentos feministas. Mesmo assim, continua engajada nas lutas por melhores condições de vida para esses grupos retratados.

<sup>15</sup> As ligas camponesas surgiram como um movimento de resistência a exploração de melhores famílias no meio rural, mobilizando, no campesinato para lutarem contra os vários tipos de opressão. Disponível em: [http://www.andhep.org.br/anais/arquivos/VII encontro/gt 11-03. Pdf](http://www.andhep.org.br/anais/arquivos/VII Encontro/gt 11-03. Pdf), acesso em 10 de Agosto de 2017.

colocavam como seres pensantes. Devemos estar atentos que muitas dessas mulheres eram escravas do lar e que seus maridos eram homens machistas, então quebrar essa barreira foi um dos objetivos principais ao se criarem esses grupos que além de sindicais eram também feministas, pois nas reuniões as mulheres ganhavam o direito a expressar suas opiniões.

Maria Soledade ao iniciar sua trajetória dentro do sindicato, não participava de forma tão ativa, como a mesma cita em sua entrevista concedida para a realização desse trabalho, que o negócio dela era tocar e cantar seus versos, e foi através de suas companheiras como Penha que a incentivou, e a partir de suas experiências nas reuniões e seminários ela foi se tornando mais participativa dentro dos grupos sindicais, chegando a se tornar presidente do sindicato rural da cidade de Alagoa Grande.

Em suas entrevistas Maria Soledade sempre expõe o respeito e carinho por Maria da Penha, ela é tida pela própria como responsável pelo seu engajamento à luta sindical e aos movimentos feministas, sendo assim, Soledade fez um verso pra sua companheira de luta e resistência:

Penha não foi só uma guerreira, foi da luta uma forte liderança, foi esposa de máxima confiança, foi amiga fiel foi companheira, lembraremos nos de Penha a vida inteira, em casa no campo e na cidade, do seu rosto tão cheio de bondade, toda hora na vida lembraremos, nós mulheres pra sempre guardaremos, da Penha no peito uma saudade, lembro Penha no nosso movimento, animada dizendo pras mulheres, desperta mulheres se quiseres, nesta vida findar teu sofrimento, só lutando terás o alimento, pra teu povo sentir felicidade, cada frase tão cheia de verdade, companheira jamais esqueceremos, nós mulheres pra sempre guardaremos, da Penha no peito uma saudade, jamais nessa vida alguém pensou, que a nossa mulher forte e guerreira, a morte cruel e traiçoeira, a levasse da forma que levou, mas antes de ir ela plantou, a semente da paz e da verdade, fez um círculo tão forte em amizade, que felizes seus frutos colheremos, nós no peito sempre guardaremos, da Penha no peito uma saudade, Em Rosa Godoy eu encontrei, o respeito o amor a confiança, em Lourdes Bandeira a esperança, teu pedido jamais eu negarei, enquanto eu viva as duas prezarei, cultivando assim tua amizade, se um dia pediste Soledade, eu recordo do papo que tivemos, nós mulheres sempre guardaremos, da Penha no peito uma saudade, adeus companheira até um dia, não sei se distante ou muito breve, mas a certeza é de bem que agente leve, pois de todos será a romaria, mas se antes de ir pra lousa fria, te prometo com toda lealdade, que por vila, sítio ou cidade, tua luta pra todos espalharemos, nós mulheres sempre guardaremos, de Penha no peito uma saudade (**Minha história em poesia**, Soledade, 2016, p. 142).

Ao ouvir a declaração de Maria da Soledade Leite, pode-se entender que essas militantes sofreram diversas ameaças pelo fato de participarem na luta pelos direitos trabalhistas: “A mulher militante política é encarada como um ser “desviante”, não uma mulher verdadeira” (COLLING, 2004, p. 8). Soledade que adentrou ao movimento por intermédio de Penha, e viu de perto as trágicas mortes de suas colegas de militância, não se deixou abater e até hoje continua engajada nos grupos sindicalistas, desempenhando seu papel

como mulher, cidadã, e militante, respeitando a promessa feita a Maria da Penha do Nascimento.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por mais que esse tema seja retratado por grandes profissionais, ainda faltam matérias e documentos que tragam conteúdos, mas específicos e que falem da realidade enfrentada pelas mulheres desse período no estado da Paraíba. Os textos acadêmicos que tratam da resistência das mulheres durante este período estão crescendo, porém ainda são poucos tamanho foi à proporção desses movimentos: “A história das mulheres é uma história recente porque até bem pouco tempo ela era somente uma representação do olhar masculino” (COLLING, 2004, p. 1).

Os textos que abordam esse tema mostram a dificuldade que essas mulheres enfrentaram: “A busca do real em história é, nos dias atuais e a partir de certa perspectiva teórica, uma tarefa inútil, pois a realidade do passado chega ao presente através de uma série de mediações a partir do próprio sujeito que interroga os sentidos nas veredas do tempo” (SWAIN, 1996, p. 1).

Essa história escrita por muito tempo deixou as mulheres em um lugar subalterno, sendo vistas com inferiores aos homens, ora isso aconteceu por que a história tradicional caracteriza as mulheres como seres que precisam estarem subordinadas aos homens, como afirma Tânia Swain, em seu trabalho intitulado de “A construção imaginária da História e dos gêneros: O Brasil do século XVI”. Onde se buscou através dos anos caracterizarem as mulheres como seres frágeis, uma construção que se perpetua até os dias de hoje.

E através desse trabalho busco quebrar com alguns desses paradigmas repassados ao longo dos anos, mostrando aos leitores de uma maneira mais ampla os acontecimentos ocorridos na Paraíba durante o período militar; período esse marcado pelas perseguições dos latifundiários contra os integrantes dos movimentos sindicais, tendo o movimento feminista se destacado enquanto movimento contrário a essas práticas de exploração, utilizadas pelos grandes donos de terras.

O preconceito nesse período era enorme, como tenho citado acima, as mulheres que resolviam seguir pelo caminho da militância eram vistas de forma diferente pela sociedade, sendo por vezes excluídas dos ambientes públicos, devido a sua luta junto com os homens por melhores condições de vida, ou simplesmente pelo direito de permanecerem em

suas casas, tendo em vista que, muitas foram às famílias obrigadas a se retirarem de suas terras para dar espaço à expansão de terra dos grandes latifundiários do brejo paraibano.

Mas, nada disso às impediu de irem à luta por seus ideais, a trajetória da formação do gênero enquanto uma categoria de análise histórica passa pelo campo da história das mulheres, não pode-se mudar conceitos sem estudos capazes de transformarem opiniões, essa pesquisa será de fundamental importância, pois através dela muitas pessoas terão acesso a informações que por muito tempo permaneceram esquecidas ou simplesmente foram deixadas de lado, e que agora tem uma maior divulgação.

O Papel do Historiador é buscar formas de tratar da História de uma maneira mais abrangente, buscando falar de temas importantes para determinada classe da sociedade, pesquisas essas que por vezes são dificultadas pela falta de material, ou simplesmente porque existem memórias que deixam traumas, por vezes essas pessoas, que enfrentaram essas lutas, buscam esquecer aquilo que viveram, momentos terríveis de torturas ameaças e perseguições.

Falar da luta feminista contra os grandes latifundiários não é uma tarefa fácil, deve-se estar atento que esse é um tema que ainda tem muitas lacunas à serem preenchidas, muitas lacunas à cerca de seus acontecimentos, memórias que por vezes são esquecidas ou simplesmente deixadas de lado, muitos foram os documentos da época retratada que foram queimados, a chamada queima de arquivo, cabe ao historiador ir atrás das fontes, como enfatizou Margareth Rago “Ainda temos muito a dizer, a lembrar e a escrever; ainda temos muito pelo que lutar. O direito à verdade, à memória e à história ganha toda força nessa direção”. (RAGO, 2009.)<sup>16</sup>.

Através dessa pesquisa consegui compreender o que motivou essas mulheres a aderirem à militância; “Movimentos e organizações sociais são hoje a forma de representação e atuação da classe trabalhadora no campo, além dos próprios movimentos de mulheres que historicamente lutam por “seu lugar” na esfera de representação e mobilização política na Paraíba” (Duarte, 2009, p. 2). Observei que os movimentos feministas estavam vinculados aos movimentos sindicais, e conquistou seu espaço a partir de mulheres como Margarida, Penha e Soledade que passaram a trabalhar em conjunto para conseguirem levar o maior número de mulheres para dentro desses movimentos.

Em um de seus relatos, soledade disse que as mulheres participavam das reuniões juntas com seus maridos, mas não expunham suas opiniões se subvertendo as vontades de

---

<sup>16</sup> Desejo de memória. Abrys, Etudes feministes/estudos feministas Janvier/december2009-Janeiro/ Dezembro 2009. Disponível em: <http://www.labrys.net.br/labrys15/ditadura/marga.htm>. Acesso em: 07 de Abril de 2017.



seus companheiros, foi a partir de então que viram a necessidade de criarem grupos formados em sua grande maioria por mulheres, para que as mesmas pudessem expressar suas opiniões, acima falo um pouco de como se deu a criação desses grupos, grupos esses que conquistaram alguns direitos voltados para os trabalhadores como o salário maternidade, que foi conquistado após um grande movimento feminista, que ficou conhecido como a “marcha das margaridas”,<sup>17</sup> a aposentadorias para as mulheres trabalhadoras rurais entre outros direitos foram adquiridos através dos movimentos feministas, pois como já foi mostrado, a luta dessas mulheres era pra garantir direitos para os trabalhadores rurais de uma forma em geral.

Finalizo esse trabalho mostrando todo meu respeito por essas mulheres, que enfrentaram as dificuldades sem se deixarem abater, mulheres como Margarida, Penha e Soledade, que levantaram a bandeira pela luta sindical, e movimentos feministas no estado da Paraíba. Percebi que as ameaças fizeram parte da vida dessas mulheres, mas que isso não às impediu de seguirem batalhando por melhores condições de vida, e por mais que o medo existisse a própria Penha deu o tom de sua luta, “A fome é maior que o medo” (Maria da Penha do Nascimento).

### ABSTRACT

The objective of this work is to talk about the trajectory of struggle and militancy of singer and songwriter Maria da Soledade Leite. She, who entered the union movements through her viola, and throughout her walk as a militant used her compositions to expose society and, her point of view about how the woman was treated, opposing the existing chauvinist and patriarchal thoughts in the society of the time and also to help combat the perversities committed by the large landowners in the state of Paraíba. In talking about Soledade, I try to treat the female figure as active within the political decisions of the state of Paraíba. We can observe with Margareth Rago (2009) that "women have been absent, with some exceptions, in the texts that painfully mark this period." It is necessary to write about these militants, for through such works we can treat history without lowering the female figure, but analyze historical facts in a more comprehensive way, treating them as an active subject within the political decisions of the society in which they were inserted. Maria da Soledade Leite, dared to enter the public space, using of his passion by the sudden to begin its walk within the syndical and feminist movements. This work will treat and emphasize his life as a trade unionist and militant.

**Keywords:** Maria da Soledade Leite, Women, Paraíba.

---

<sup>17</sup> Ação organizada pela Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag) e acontece em Brasília, sempre no dia 12 de Agosto. A data escolhida lembra a morte da trabalhadora rural e líder sindicalista Margarida Maria Alves, sua primeira edição ocorreu no ano de 2000. Disponível em; [http://pt.wikipedia.org/wiki/Microrregi%C3%A3o\\_do\\_Brejo\\_Paraibano](http://pt.wikipedia.org/wiki/Microrregi%C3%A3o_do_Brejo_Paraibano), Acesso em 22 de Setembro de 2017.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

[http://www.andhep.org.br/anais/arquivos/VII encontro/gt 11-03](http://www.andhep.org.br/anais/arquivos/VII_encontro/gt_11-03). Pdf, acesso em 10 de Agosto de 2017.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. 3.ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é o método Paulo Freire**. 1988 Disponível em: [http://www.sitiodarosadosventos.com.br/livro/images/stories/anexos/oque\\_metodo\\_paulo\\_freire.pdf](http://www.sitiodarosadosventos.com.br/livro/images/stories/anexos/oque_metodo_paulo_freire.pdf). Acesso em: 28 de julho de 2017.

COLLING, Ana Maria. **As Mulheres e a Ditadura Militar no Brasil**. Centro de Estudos Sociais. 2004 disponível em: [www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/Ana\\_Maria\\_Colling.pdf](http://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/Ana_Maria_Colling.pdf). Acesso em 26 de fevereiro de 2016.

\_\_\_\_\_. **A resistência da mulher à ditadura militar no Brasil**. Rio de Janeiro: Record-Rosa dos tempos, 1997.

<http://www.correiodaparaiba.com.br/cultura/projeto-traz-a-dupla-de-repentistas-minervina-ferreira-e-maria-soledade>, Acesso em: 22 de abril de 2017.

<http://www.dicionarioinformal.com.br>, Acesso em: 04 de Março de 2017.

DUARTE, Emmy Lyra. **Mobilização política e relação de gênero no estado da Paraíba**. 2012. Disponível em: [www.ufpb.br/evento/1ti/ocs/index.php/17redor/17/paper/.../93](http://www.ufpb.br/evento/1ti/ocs/index.php/17redor/17/paper/.../93) Acesso em: 10 de fevereiro de 2017.

\_\_\_\_\_. **Movimento de mulheres trabalhadoras da Paraíba (MMT/PB) mobilização social, trabalho e relações de gênero**. João Pessoa[s.n.], 2014.

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Microrregi%C3%A3o\\_do\\_Brejo\\_Paraibano](https://pt.wikipedia.org/wiki/Microrregi%C3%A3o_do_Brejo_Paraibano), Acesso em: 22 de setembro de 2017.

Entrevista concedida por Maria Soledade para o projeto PIBIC intitulado **Dona Lia, Maria Soledade e Luzia Ferreira: mulheres versus ditadura militar – latifundiária na Paraíba**, sob a orientação da professora Susel Oliveira da Rosa, no dia 19 de Janeiro de 2017.

<http://www.ufc.br/noticias/noticias-de-2017/9710-lancada-a-primeira-edicao-da-revista-encontros-universitarios>, Acesso em: 20 de Agosto de 2017.

LEITE, Maria da Soledade. **Nossa História em Poesia: (Poemas Reunidos)**. Crato: Edson Soares Martins, 2016.

<https://www.lettras.mus.br/rita-lee/48516/>, Acesso em: 24 de Setembro de 2017.

MARQUES, Mirella. **Paulo Freire pedagogia da esperança**. Pernambuco: diário de Pernambuco, 1997.

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Microrregi%C3%A3o\\_do\\_Brejo\\_Paraibano](http://pt.wikipedia.org/wiki/Microrregi%C3%A3o_do_Brejo_Paraibano), Acesso em: 22 de Setembro de 2017.

MOREIRA, Emília. TARGINO, Ivan. MENESES, Marilda. **Ligas Camponesas na Paraíba: um relato a partir da memória dos seus protagonistas**. 2011. disponível em: [www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ruris/article/viewfile/962/697](http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ruris/article/viewfile/962/697). Acesso em: 15 de março de 2016.

NORONHA, Cejana Uiara Assis. **Teologia da Libertação: origem e desenvolvimento**. FRAGMENTOS DE CULTURA, Goiânia, v. 22, n. 2, p. 185-191, jan./mar. 2012. Disponível em: [www.seer.ucg.br](http://www.seer.ucg.br). Acesso em: 24 de Setembro de 2017.

PERROT, Michelle. **Mulheres Públicas**. São Paulo: Unesp, 1998.

RAGO, Margareth. **Desejo de memória**. Dossiê ‘Memórias Insubmissas’. Revista Labrys, n. 15, 2009. Disponível em: <http://www.labrys.net,br/labrys15/ditadura/marga.htm>. Acesso em: 07 de Abril de 2017.

\_\_\_\_\_. **Epistemologia feminina, gênero e história. Descobrimo historicamente o gênero**. Ed.: CNT-Compostela, 2012. Disponível em [www.cntgaliza.org](http://www.cntgaliza.org). Acesso em: 07 de setembro de 2016.

ROSA, Susel Oliveira da. **Mulheres, ditaduras e memória**: não imagine que precise ser triste para ser militante. São Paulo: Intermeios/Fapesp, 2013.

\_\_\_\_\_. **Mulheres versos ditadura, latifúndio e misoginia na Paraíba**. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/estudos/issue/vier/542/showtoc> Acesso em: 14 de março de 2016.

<http://sedupcomunica.blogspot.com.br/> Acesso em: 23 de setembro de 2017.

SILVA, Janaina Vicente da. **Margaridas da Resistência**: Movimento de Mulheres na Paraíba (1970 a 1980). Trabalho realizado para a finalização do curso de graduação em história no ano de 2016.

SWAIN, Tania Navarro. **A construção imaginária da história e dos gêneros no Brasil**, no século XVI. In: Textos de história – Revista da Pós-graduação em da História UNB. Volume 4, número 2, 1996.

VICENTE, Neves J. **Educação, comunicação e crítica**. Legado da pedagogia da libertação de Paulo Freire. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6223.pdf>. Acesso em: 28 de julho de 2017.

## Anexo A

### TERMO DE CESSÃO

CEDENTE: Maria da Soledade Leite  
 Nascida em: Alagoa Grande - PB a: 9 / 10 / 1942  
 De estado civil: Solteira  
 Domiciliada em: Rua Jeano Alves de Cunha, 39  
 De profissão: Aposentada  
 E endereço profissional:  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

CESSIONÁRIA: Leandro Sousa de Lima Costa, pesquisador do projeto: "Dona Lia Maria Soledade e Luzia Ferreira: Mulheres versus ditadura militar-latifundiária na Paraíba".

OBJETO: Entrevista gravada.

DO USO: Declaro ceder à pesquisadora acima citada, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental, realizada na cidade de Alagoa Grande - PB em 19 / 01 / 2017 num total de \_\_\_\_\_ horas e \_\_\_\_\_ minutos. A pesquisadora fica consequentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais e acadêmicos, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, a partir de trabalhos, bem como permitir a terceiros/as o acesso ao mesmo para fins idênticos, segundo suas normas com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Alagoa Grande, 19 de 01 de 2017

Maria da Soledade Leite

Assinatura da deponente/cedente